

SIGNIFICADOS DO CIRCO E DAS ATIVIDADES CIRCENSES PARA OS IDOSOS DA UATI

Gláucia Andreza Kronbauer¹
Daiane Maria Scorsin²
Mayara Trevisan³

resumo

O circo é uma prática que faz parte do cotidiano das mais antigas sociedades da terra e assume os mais diversos papéis ao longo dos tempos. O circo apresenta-se no contemporâneo em novas configurações; com outras alianças como a integração de técnicas do teatro, das danças, das artes visuais e recursos tecnológicos que constroem também outras finalidades, outros significados. É possível então, oferecer espaços de experimentação contextualizados com o tema circense, mas que não envolvam necessariamente as técnicas de cada modalidade, e sim os conceitos de criatividade e de subversão dos padrões de corpo e movimento. A partir desses conceitos surgiu na UNICENTRO, campus Irati, o

1 Graduada em Educação Física pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), onde coordena o projeto de extensão "O Circo em Contextos". E-mail: gkglaui@yahoo.com.br

2 Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), onde atuou como bolsista do projeto de extensão "O Circo em Contextos". E-mail: dai.scorsin@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO), onde atuou como bolsista do projeto de extensão "O Circo em Contextos". E-mail: may_trevisan@hotmail.com

projeto de extensão “O Circo em Contextos”, lotado no Departamento de Educação Física, com objetivo de proporcionar vivências corporais diversas permitindo a livre expressão do movimento, o pensar e expressar o corpo. O objetivo do presente estudo é compreender os significados do circo para os idosos em suas diferentes manifestações: o circo espetáculo e as atividades circenses. Participaram do estudo os idosos que frequentam pelo menos duas oficinas de atividades circenses oferecidas na “Universidade Aberta à Terceira Idade” e que estavam presentes nos momentos de discussão; destacamos que a participação na oficina era de livre escolha do idoso. Independente do significado o circo sempre assumiu o papel de diversão, como encontrado nas falas dos idosos. Já atividades circenses foram apontadas como espaços de movimento e de socialização. Não desconsideraram o divertimento, porém percebem a possibilidade de experimentação e criação. Ou seja, os idosos passaram de uma posição de espectador (circo-espetáculo), para uma posição de realizador que vivencia o movimento, experimenta (atividades circenses). Acreditamos que a partir das atividades circenses o idoso percebe que é possível assumir seu papel de participante ativo também na sociedade, desconstruindo a imagem do sujeito inútil, vitimizado e frágil que espera a morte chegar.

palavras-chave:

Idosos. Atividades Circenses. Significados. Experimentação.

1 RESPEITÁVEL PÚBLICO: O CIRCO E AS ATIVIDADES CIRCENSES NA HISTÓRIA

O circo é uma prática que faz parte do cotidiano das mais antigas sociedades da terra. Tem no corpo humano o seu astro maior; assumiu os mais diversos papéis ao longo dos tempos, de acordo com as características sociais e culturais do local onde se desenvolve. Na China a arte acrobática era uma forma de enaltecer os deuses e oferecer homenagens nos festivais da colheita, para agradecer as dádivas e pedir proteção para a safra seguinte (TORRES, 1998).

Já em Roma o circo foi incorporado à chamada “política do pão e circo”, estratégia adotada para distrair a população miserável das injustiças

sociais da época. Os espetáculos eram compostos por lutas entre homens, os chamados gladiadores, e grandes feras como leões e tigres, ou mesmo contra outros gladiadores. O Coliseu, em Roma, é considerado por muitos o primeiro grande picadeiro da história (TORRES, 1998).

No Brasil do século XIX, os espetáculos circenses eram uma forma de ostentar riquezas nos grandes ciclos econômicos como o ciclo da borracha e o ciclo do café. Os ricos proprietários de terras traziam famosas famílias circenses para a sua região; quanto mais belo e requintado o espetáculo, mais rico era o fazendeiro (TORRES, 1998).

Observando os aspectos históricos do circo, podemos destacar que, independente de quem realizava os espetáculos e do papel social que estes assumiam, a expectativa do público não mudou ao longo dos séculos. As pessoas, até hoje, vão ao circo para se divertir.

Entretanto, a partir das últimas décadas do século XX, e principalmente no início do século XXI surge uma nova tendência para as artes circenses. O circo começa a se consolidar em novas configurações, com outras alianças. Podemos citar, por exemplo, a integração de técnicas do teatro, das danças e das artes visuais, e a presença de recursos tecnológicos de iluminação, palcos que se deslocam e se modificam, entre outros.

Esse fato se deve, em parte, ao crescimento dos meios de comunicação e das atrações da televisão, do cinema, dos festivais de música etc. Esse fenômeno incitou artistas e companhias circenses a buscar fortalecimento, inovação e profissionalização em escolas especializadas. A institucionalização dos saberes circenses proporcionou maior troca de conhecimentos, diversificação das modalidades, dos estilos e possibilitou a integração de novas tecnologias para tornar os espetáculos mais atraentes. Além disso, as escolas de circo foram se transformando em centros de intercâmbio da cultura circense e a tecnologia – novamente ela – facilitou a disseminação dessa cultura mais rapidamente (BORTOLETO; CARVALHO, 2003). Com a socialização dos conhecimentos o circo saiu do picadeiro e, como já aconteceu com outras atividades – esporte, pintura, dança, teatro – deixou de ser uma atividade unicamente profissional (corpo espetáculo – um meio de trabalho).

Como consequência dessas novas configurações, surgem também outras finalidades, outros significados para a cultura circense: podemos observar muitas pessoas praticando atividades circenses como forma de lazer-recreação, com fins educativos e sociais (BORTOLETO; CARVALHO, 2003). Atualmente as atividades circenses são oferecidas como alternativa para a prática de atividades físicas em academias e clubes. O interesse, o fascínio e a curiosidade despertados pelos espetáculos, bem como o desenvolvimento das capacidades

físicas, são apontados como fatores motivacionais para a aderência às atividades circenses (GÁSPARI; SCHWARTZ, 2007; OLIVEIRA, 2008).

Entretanto, restringir as atividades circenses como espaço de prática de atividade física para desenvolver capacidades físicas, utilizando o contexto do circo apenas como fator motivacional é menosprezar suas potencialidades. Talvez a relação de proximidade que se estabeleça entre o espectador e o espetáculo seja outro fator que desperta o interesse na prática das atividades circenses, o fato de sentir-se parte de algo admirável. Assim, entra em questão algo que supera os benefícios para a saúde e a aptidão física; o que se destaca são os significados que essa prática assume entre aqueles que a vivenciam.

Nesse caso, pretendemos compreender o circo e as atividades circenses como expressão cultural, na qual o corpo tem fundamental importância enquanto materialização da existência e meio de relação com o ambiente e com o outro. Para tanto, vamos considerar o conceito de “técnicas corporais” do Sociólogo e Antropólogo Marcel Mauss⁴ (2003, p. 401): “[...] as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se do seu corpo”.

Essa concepção mais ampla de “técnica corporal” permite perceber as atividades circenses com potencialidades que vão além de criar grupos de espetáculo. É possível oferecer espaços de experimentação contextualizados com o tema circense, mas que não envolvam necessariamente as técnicas de cada modalidade, e sim os conceitos de criatividade e de subversão dos padrões de corpo e movimento, a liberdade e a possibilidade de criar. Ou seja, assim como o circo tem um palhaço grotesco, um acrobata que se equilibra sobre as mãos ou um malabarista que utiliza pratos para produzir seus números, pode-se pensar o corpo e suas diversas possibilidades muito além da locomoção com os pés e da manipulação de objetos com as mãos. Como afirma Klauss Vianna (1990, p. 113-114) “[...] um corpo inteligente é um corpo que consegue se adaptar aos mais diversos estímulos e necessidades, ao mesmo tempo em que não se prende a nenhuma receita ou fórmula preestabelecida”.

A partir desse entendimento surgiu na UNICENTRO, campus Irati, o projeto de extensão “O Circo em Contextos”, lotado no Departamento de Educação Física. O projeto oferece oficinas de atividades circenses em diversos ambientes e para diversos públicos com o objetivo de proporcionar vivências corporais diversas permitindo a livre expressão do movimento, o pensar e o expressar o corpo. A interlocução entre esse projeto e o programa Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI) possibilitou em 2011 a

4 Marcel Mauss em “Sociologia e Antropologia”, obra de 1950, na versão brasileira de 2003.

consolidação de uma proposta audaciosa, de caráter experimental: oficinas de atividades circenses para idosos.

Destaca-se como “audaciosa”, pois se percebe que a maioria dos programas institucionais para a chamada Terceira Idade no âmbito da Educação Física concentra atividades na busca da manutenção das capacidades e da saúde física, como é o caso dos trabalhos descritos por Vendruscolo *et al.* (2011) e Veras e Caldas (2004). Uma vez que as atividades relatadas nos trabalhos desses autores consideram apenas os aspectos biológicos, então o corpo velho e suas limitações assumem papel fundamental em determinar o que o idoso pode ou não fazer.

Mas quando essa visão é superada e o corpo é considerado além dos seus aspectos biológicos, é possível descobrir potencialidades em um corpo que antes era apenas limitação. Neste caso, as rugas, a flacidez da pele, o aumento de gordura e a diminuição da força muscular – o encurvamento postural – deixam de ser fatores de impedimento para suas ações e passam a ser apenas características com as quais o indivíduo convive.

Além disso, a participação em atividades diversificadas faz com que os idosos tenham contato com ideários e realidades que contrastam com o coloquial normalizador, permitindo a incorporação de novas atitudes perante o envelhecimento, a velhice e a própria vida. Por isso o objetivo das oficinas de atividades circenses é criar novos significados para o corpo e o movimento. Neste caso, o idoso transpõe de uma posição de indivíduo sem proficiência aguardando a morte chegar – relação do espectador com o espetáculo – para uma posição ativa de indivíduo apto a cuidar do seu bem-estar, aprender, criar e recriar a arte e a cultura do corpo e manter a autonomia e a saúde – relação do artista com o espetáculo.

Ademais, as diversas personagens de um espetáculo mostram o ser humano como um palhaço grotesco, ridículo, e ao mesmo tempo exaltam a austeridade, a beleza, a força dos trapezistas, acrobatas e malabaristas. A presença de diferentes corpos pode se tornar determinante para a aceitação social das diversidades e, no caso do idoso, a aceitação de sua própria condição. Como afirma Silva (2001, p. 89), quando discute as questões éticas e políticas da intervenção sobre os corpos: “[...] o corpo é que dá visibilidade ao ser humano e é a sede dos direitos humanos fundamentais que dizem respeito a uma vida digna”. A autora comenta ainda que essa vida digna “[...] só pode ser auferida pela visibilidade que a instância corporal oferece, com toda sua expressividade, que se mostra para além da mera aparência” (SILVA, 2001, p. 96). Nesse sentido as atividades circenses como meio de intervenção permitem a apropriação do idoso por si mesmo, seu reconheci-

mento como ser social que tem o corpo como a concretização da existência, ou seja, que “é” um corpo.

Destaca-se aqui a importância de identificar os significados dessas atividades quando as concebemos como “técnicas corporais” socialmente construídas. O corpo, segundo Gonçalves (1994), constitui, tanto interior como exteriormente, o primeiro e mais importante ponto de referência e de relação; revela uma personalidade, uma cultura, uma educação e, por decorrência, um contexto social.

O corpo adquire significado por meio da experiência social e cultural do indivíduo em seu grupo [...] Sua postura, forma, disposição, suas manifestações e sensações geram signos que são compreendidos por uma imagem construída e significada pelo interlocutor (SIQUEIRA, 2006, p. 42).

Por isso, o objetivo do presente estudo é compreender os significados do circo para os idosos em suas diferentes manifestações: o circo espetáculo e as atividades circenses, e discutir as relações que esses significados estabelecem com as concepções e valores que os idosos constroem sobre sua própria existência.

2 A BUSCA DOS SIGNIFICADOS

Desvendando o Picadeiro

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação com análise qualitativa das informações. As relações e representações a serem estudadas neste caso não podem ser quantificadas. Segundo Silva, Velozo e Rodrigues (2008, p. 57) “[...] as pesquisas de cunho qualitativo estudam os sujeitos, grupos e sociedades de maneira contextualizada, tendo como finalidade a interpretação dos significados de ações humanas, valores, crenças, mitos, construídos culturalmente”.

Participaram do estudo os idosos que frequentam as oficinas de atividades circenses oferecidas na “Universidade Aberta à Terceira Idade” (UATI), da UNICETRO, campus Irati – PR. O programa “Universidade Aberta à Terceira Idade” foi criado na universidade em 1997 e desde então oferece atividades diversas como exercícios físicos, recreação, artesanato, teatro e expressão corporal. Atende cerca de 50 idosos com 55 anos ou mais; suas

atividades estão organizadas em formas de oficinas semanais planejadas e ministradas por professores e acadêmicos de diversos cursos da instituição (Educação Física, Psicologia, Fonoaudiologia, Letras, Pedagogia etc.), bem como oficineiros da comunidade.

A participação nas oficinas é de livre escolha dos idosos: em cada dia da semana em que as atividades acontecem, o idoso pode optar por oficinas diferentes, por isso o número de participantes variava a cada semana. Considerando que o presente estudo não tem por objetivo analisar os efeitos de uma determinada atividade com avaliações anteriores e posteriores a intervenção, foram incluídos no estudo os idosos que estavam presentes em cada um dos momentos da discussão, e que ao final do semestre tivessem participado de pelo menos duas oficinas de atividades circenses, uma vez que as vivências eram de fundamental importância na compreensão das diferenças entre o circo espetáculo e as atividades circenses. Antes das discussões as pesquisadoras responsáveis esclareceram os objetivos do estudo, explicaram que as falas seriam gravadas para posterior análise e que haveria apenas temáticas a serem comentadas (o “circo espetáculo” e as “oficinas de atividades circenses”), com o mínimo possível de intervenção das pesquisadoras. Em seguida os idosos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido contendo os objetivos e procedimentos do estudo e a garantia de sigilo em relação a sua identificação.

As oficinas de atividades circenses foram oferecidas na UATI pela primeira vez entre os meses de março a junho de 2011, momento de realização desta pesquisa. Foram elaboradas e ministradas pela coordenadora e por acadêmicas integrantes do projeto de extensão “O Circo em Contextos”, que são também as pesquisadoras responsáveis pelo estudo. As oficinas tiveram por objetivo oferecer atividades circenses que estimulassem a criatividade e a expressividade, e foram elaboradas a partir de algumas técnicas circenses – malabarismo, acrobacia de solo, acrobacia aérea em tecido, comunicação e interpretação do palhaço – e os jogos circenses caracterizados por Bortoleto *et al.* (2011):

- Jogos Malabarísticos: manipulação de objetos como fundamento básico;
- Jogos Clownescos: interpretação e expressão de conteúdos dramáticos, priorizando a expressão corporal e gestual;
- Jogos Funambulescos: equilíbrio corporal em arames, bolas, rola-rola, monociclos e pernas de pau;
- Jogos Acrobáticos: ações acrobáticas como rolamentos, saltos com giros e inversões, rotações, que quase sempre se diferenciam das ações naturais (andar, sentar, caminhar e correr são técnicas pouco utilizadas).

Foram adicionados a essas técnicas conceitos de experimentação e criatividade. Surgem então atividades como: manipular diferentes objetos com diferentes partes do corpo; se deslocar pelo espaço de maneiras diferentes do andar cotidiano; se deslocar em planos irregulares; se deslocar manipulando diferentes objetos, individualmente ou em grupos; realizar atividades em planos inclinados, com a cabeça em posição mais baixa do que o tronco; criar histórias coletivamente a partir de objetos ou palavras diversos; representar palavras ou frases por mímica; subir e balançar no tecido acrobático; entre outras. Apontamos ainda que as atividades foram realizadas com os indivíduos descalços, o que modifica completamente a relação com uma das referências básicas para o movimento: o chão.

Os astros do espetáculo

Foram organizados dois momentos de discussão como parte das atividades propostas na oficina. A professora e duas acadêmicas, pesquisadoras e responsáveis pelas oficinas de atividades circenses, coordenaram esses momentos.

Inicialmente foi realizado um encontro com a participação de quinze idosos, no qual foi desenvolvido o seguinte tema: significados do circo para você. Cada idoso foi motivado a falar sobre suas experiências e histórias vividas com o circo, de acordo com a ordem em que estavam sentados; os idosos tinham liberdade de fazer comentários em relação aos relatos do outro. As falas de cada idoso foram anotadas e identificadas, e os encontros gravados para posterior análise.

O mesmo procedimento foi adotado no final do semestre, depois de somadas dez oficinas de atividades circenses, sendo essas e não mais o circo, foco da discussão. Participaram desse encontro treze idosos que frequentaram pelo menos duas oficinas. É importante destacar que a UATI oferece quatro oficinas em cada dia, o que permite que os idosos transitem por atividades diferentes. Lembramos que a opção pelas atividades é de livre escolha dos idosos, o que significa que nem todos os idosos presentes nos primeiros encontros participaram do encontro final, e vice-versa.

Análise

Para a caracterização das falas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Esta técnica prevê a distribuição dos trechos mencionados pelos

participantes, a identificação dos chamados “núcleos de sentido” – ideias semelhantes contidas em diferentes expressões verbais, a organização e agrupação dos núcleos, e a discussão (GOMES, 2010). Para a discussão foram considerados os núcleos em comum entre as falas antes e depois da participação das oficinas, o que há de diferente e a existência ou não de contradições.

Além disso, foram realizadas observações durante as oficinas. Como as responsáveis pelas atividades são também as pesquisadoras, ao final das oficinas eram elaborados relatórios destacando aspectos que chamaram a atenção e descrevendo as atividades realizadas.

3 ENFIM, O ESPETÁCULO: O CIRCO E AS ATIVIDADES CIRCENSES A PARTIR DOS RELATOS DOS IDOSOS

A história do circo remete seus primeiros indícios aos antigos impérios da China, do Egito e da Grécia. Diversos foram os significados sociais assumidos pelos espetáculos, desde festejos religiosos até a distração dos miseráveis para os problemas econômicos e sociais que enfrentavam. Contudo, parece-nos que, independente do seu papel, os espectadores do circo nos diferentes períodos históricos procuravam apenas diversão.

Esse fato não é diferente quando analisamos os relatos dos idosos sobre suas experiências com o circo e o que ele representava. Na época em que os idosos participantes do estudo eram jovens, havia poucas oportunidades de entretenimento, e o circo assumia grande importância, principalmente para aqueles que residiam na zona urbana. Destacamos que as palavras “diversão”, “animação” e “alegria” são recorrentes nas falas dos idosos (os nomes foram modificados para impedir a identificação dos participantes).

“Quando noticiavam que tinha circo era uma alegria, faziam caravana e vinham do interior com a turma de amigos de caminhão [...]” (Rosa)

“O circo era uma diversão, não tinha outras coisas.” (Alice)

“Não tinha nada pra fazer, era só escola, então o circo era uma felicidade [...]” (Pedro)

“Significava muita alegria, porque não tinha TV.” (Miriam)

Nessa época, o circo assumia um caráter diferente com peças teatrais associadas a algumas técnicas circenses. Era o Circo-Teatro, um gênero muito comum e de muito sucesso no Brasil durante todo o século XIX, e que manteve suas tradições no século XX. Apresentava textos teatrais a partir

de revistas, farsas, musicais, comédias, dramas, melodramas e hipodramas. Muito além de entretenimento, o circo-teatro trazia em seus enredos críticas sociais e temas presentes no cotidiano (SILVA, 2007).

"Eram histórias de drama, cada noite era uma história diferente, então a gente ficava ansiosa pra chegar a noite e ir assistir [...]" (Lia)

"O circo era teatro, histórias de Sansão e Dalila, trazia muitas coisas bonitas [...]" (Marlene)

"A principal característica do circo era o teatro, as peças de teatro eram maravilhosas." (Carolina)

"[...] tinha as histórias de dramas, eram lindíssimas." (Andréia)

Mas, apesar de ser uma das poucas atrações da época, alguns idosos afirmaram não gostar, ou mesmo não ter assistido a um espetáculo. Esse fato nos chamou atenção, pois esses mesmos idosos estavam participando de uma oficina de atividades circenses. Ou seja, se por um lado alguns idosos afirmaram não gostar do circo, por outro lado buscaram justamente essa atividade, talvez pela companhia das colegas ou por curiosidade.

"[...] o circo nunca chamou minha atenção." (Ana)

"[...] eu ia porque minhas colegas iam, mas não chamava minha atenção e não tinha aquela vontade sabe." (Margarida)

Devemos considerar a partir desse momento que os idosos participantes desse estudo presenciaram, ao longo da vida, uma transição de valores referentes ao corpo, mas com estratégias de controle muito semelhantes. Em um primeiro momento, entre os anos de 1930 e 1990, o corpo foi doutrinado para o trabalho e para o recato, atualmente ele é doutrinado para a beleza e para a exposição. Enquanto doutrina para o trabalho, os esportes e as ginásticas se apresentaram como ferramentas para o desenvolvimento da disciplina, da força, da resistência física e do movimento mecânico, tornando os indivíduos aptos a desempenharem suas funções na escala produtiva sem questionamentos. Os movimentos livres eram arbitrariamente controlados, assim como a expressão popular, e as práticas corporais assumiram papel de distração: o grande incentivo ao esporte trouxe alguns destaques em competições internacionais, o que ajudou a construir o espírito nacionalista.

Conforme aponta Vaz (1999, p. 92) "[...] o esporte parece de fato ter sido, e ainda ser, um forte vetor a potencializar o domínio do corpo". O corpo era considerado "[...] algo perigoso e ofensivo pela civilização, devendo por isso mesmo ser dominado, domesticado, apaziguado". A Educação Física na escola trazia as influências higienistas no início do século XX aliadas às características

militares das escolas de formação de professores vinculadas ao exército, nas quais cada indivíduo era visto como um soldado disciplinado. Nesse caso, as ações corporais que permitiam a liberdade de movimentos eram suprimidas, na primazia da repetição de gestos rígidos e controlados, com o objetivo de disciplinar o corpo para servir à reprodução do capital – para o trabalho – e para defender a pátria – para o serviço militar (SOARES, 2004).

A ideia de “não movimento” e das posturas padronizadas são características de disciplina. É importante entender que uma vez que o outro, seja ele indivíduo ou instituição, determina os padrões de corpo e comportamento que devemos seguir, perdemos nossa autonomia. Essa dominação do corpo e do movimento à qual foram submetidos diariamente em sua juventude parece ter alimentado uma vontade gritante pelo movimento nesses idosos. A intolerância ao “não movimento” gerou relatos negativos em relação aos encontros nos quais realizamos discussões sobre o tema.

“O primeiro dia de aula, que a professora pediu que cada um falasse do circo [...] eu pensei: será que essa aula vai ser assim, sentada nessa carteira [...] vai ser uma chatice [...]” (Fernanda)

“[...] no início eu também achei, essa bobagem aí eu também não quero, não gostei [...]” (Gabriela)

“Eu vou falar o que eu penso, no começo eu não queria vir mais porque eu não gostei [...]” (Lia)

O que se percebe nos dias de hoje é que as referências mudaram: não é mais o corpo para a produção fabril, mas o corpo com potencial comercial que assume valor. Entretanto, o controle continua sendo o mesmo. A ginástica, os esportes e outras práticas corporais se tornam ferramentas para a construção de corpos vendáveis. A indisciplina corporal se caracteriza pelo fato de o indivíduo não possuir⁵ um corpo conforme os padrões socialmente aceitos: magro, bronzeado, musculoso, saudável⁶ etc, e nesse caso o corpo velho se torna um corpo penalizado pela marginalização.

Nesse contexto, o circo desperta fascínio, em parte, pela liberdade que ele representa, liberdade de ser e de agir. O palhaço não é penalizado por ser grotesco, ao contrário, essa característica dá ao personagem o direito de errar,

5 Falo em possuir, pois o que se percebe é que o ser humano tem um corpo, o que é diferente de ser um corpo. Quando se assume essa postura é possível estabelecer uma relação de poder entre o indivíduo – dominador – e seu corpo – dominado (VAZ, 1999).

6 O conceito de saúde tem sido, de maneira equivocada, associado unicamente aos aspectos biológicos do corpo humano. Acaba-se por tomar o corpo como uma máquina que, quando se constitui por peças de boa qualidade e em perfeito funcionamento, possui saúde.

de ser cômico, ingênuo, bobo, humano. Ou seja, cada corpo tem suas potencialidades e o corpo velho também deve encontrá-las. Ademais, o circo carrega um espírito próprio: espetáculos itinerantes, famílias que se formam em casas sobre rodas, ficar alguns dias em cada cidade, sem parada, sem destino certo... Quando aliamos essa liberdade com o movimento, temos fatores motivacionais de grande importância para o idoso. Nesse sentido, independente do tema “circo”, as oficinas se tornaram mais um espaço de movimento.

“[...] eu gosto de barulho, gosto de bagunça, gosto de me mexer [...] e aqui a gente faz bastante movimento né, nem que não aprenda muita coisa, mas pelo menos a gente se mexe [...]” (Carmen)

“[...] eu acho muito importante por causa do movimento [...]” (Alice)

Lembramos que as atividades realizadas seguem preceitos da arte contemporânea que, conforme propõe Siqueira (2003), constituem um espaço de expressão, de reconstrução e desconstrução de sentidos. Nesse sentido, buscamos a desconstrução dos movimentos padronizados e a elaboração de novas formas de compreender, se expressar e sentir o corpo e o movimento, o que parece ter chamado a atenção dos idosos.

“[...] depois que a gente veio aqui nessa sala, que a gente andava de frente, de ré, de tudo quanto é jeito, virava cambalhota, então foram aulas bastante dinâmicas [...]” (Fernanda)

“[...] vocês (falando com as professoras) sempre variam. Então a gente já sobe curiosa pra ver o que vamos fazer, isso é ótimo.” (Miriam)

A alegria e a diversão comentadas anteriormente como significados assumidos pelo espectador em relação ao circo são características que permaneceram nos relatos. Mas a participação no papel de ator transferiu aos idosos a responsabilidade de construir sua própria diversão. Essa mesma autonomia foi mantida em relação à disposição para a participação das atividades.

“[...] o grupo sempre está alegre, sempre está satisfeito.” (Fernanda)

“[...] com as atividades eu passo a tarde inteira brincando e chego em casa renovada [...] eu fico muito contente, é muito bom.” (Rafaela)

“[...] se você quiser você faz, se não, não faz. Quando você pode você faz.” (Carolina)

“[...] isso aqui é uma vida pra gente [...] rir, conversar... a gente se sente mais jovem pra enfrentar a vida.” (Andréia)

Outro aspecto que merece destaque é o significado assumido pelas oficinas como espaço de encontro, de sociabilização. É preciso compreender

que muitos idosos moram sozinhos e já sofreram com a perda do companheiro ou de amigos. Por isso a relação com os professores, o sorriso, o abraço, um gesto de carinho, são extremamente valorizados.

“As professoras esse ano são muito carinhosas com nós [...], chega abraça, então é o carinho que é muito importante pra gente.” (Miriam)
“[...] porque aqui só receber sorriso já é bom [...].” (Carolina)

Ademais, pareceu-nos que o fato de ver o outro se divertindo em situações que poderiam ser consideradas embaraçosas frente aos padrões sociais, fez com que alguns idosos mais calados se tornassem mais espontâneos ao longo do semestre. Como exemplo, citamos uma contradição relevante observada na fala de uma idosa, e que revela claramente a importância do grupo na participação de atividades. No primeiro encontro a mesma afirma não gostar de circo: “Nunca fui no circo. Nunca gostei dessas coisas”(Ana). Depois de frequentar as oficinas a mesma idosa relatou: “[...] no começo eu não queria vim mais, porque eu não gostei [...] mas deu saudade, das amigas, das atividades [...] agora to gostando muito e não tenho vergonha de nada, perdi até a vergonha que eu tinha”(Ana).

Irigaray e Schneider (2008) assinalam a importância da rede social formada por companheiros de atividades grupais, pois o idoso percebe que não está sozinho, que tem com quem contar e partilhar seus sentimentos, o que gera o senso de pertencimento, de identidade. Ou seja, os espaços de integração do idoso assumem papel fundamental nas novas relações que este estabelece com o mundo a partir das peculiaridades que ele passa vivenciar, e o contato com o outro facilita a aceitação da velhice como mais uma fase da vida, não como o ponto final.

[...] nesses programas o envelhecimento deixa de ser um processo contínuo de perdas; as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (DEBERT, 1997, p. 126).

4 O CORTEJO FINAL

O circo já recebeu diversos significados, como enaltecer deuses, distrair a população, ostentar riquezas, porém independente do seu papel social ao longo da história, a diversão sempre foi a principal acepção para o público.

Seguindo essa tendência, o idoso como integrante dessa sociedade e que por ela é influenciado, da mesma forma se torna um espectador na busca de diversão. Essa postura se torna clara quando perguntamos ao idoso o que o circo significa, e os relatos incluem de maneira recorrente as palavras “alegria” ou “diversão”.

As atividades circenses, entretanto, como proposta de intervenção com indivíduos tão peculiares como os idosos, assumem um papel distinto do circo espetáculo, se consolidando como espaço de criatividade e experimentação de movimentos não padronizados. Com uma proposta que permite ao idoso criar uma linguagem corporal própria e potencializar suas relações e sua comunicação com o mundo de maneira autônoma, talvez as atividades circenses possibilitem a construção da autonomia também em outras esferas da vida.

Mas o que realmente chamou a atenção foi a importância dada as oficinas como espaço de movimento e de encontro com outras pessoas, aspectos que aparecem em destaque nos depoimentos. Realmente é possível perceber que as oficinas de atividades circenses assumiram um sentido importante na vida desses idosos.

Os relatos dos idosos acabam por recorrer, em alguns casos, ao discurso médico-científico que permeia atualmente diversas dimensões da vida social, a partir do qual a atividade física faz bem para a saúde, previne os efeitos do envelhecimento, melhora a aptidão física e a capacidade de realizar tarefas. Essa visão biologicista do corpo humano pode ser interpretada a partir da analogia com uma máquina: o corpo é entendido como um conjunto de peças com funções específicas, e que perde sua utilidade e funcionalidade quando envelhece. Quando o idoso é compreendido apenas como um corpo de constituição biológica, todo o seu ser perde a função na sociedade e deve ser substituído por um novo corpo mais útil, assim como se substituem máquinas em uma fábrica. Nesse caso, o movimento se torna uma ferramenta para manter a saúde biológica e evitar que o corpo velho seja descartado.

Entretanto, ao longo das oficinas, o movimento assume também papel central como meio de relação com o outro e com o ambiente quando os idosos afirmam que gostam de “mexer”, de atividades “dinâmicas”, e quando comentam da importância de prestar atenção e de contar com o outro nas atividades. O corpo deixa de ser uma ferramenta na manutenção da funcionalidade de suas “peças”, para se tornar um meio de comunicação e de relação quando é vivenciado a partir dos conceitos propostos pelas atividades circenses. Nesse caso, mudanças causadas pelo envelhecimento biológico se tornam apenas características do indivíduo, e não mais limitações.

Acreditamos também que a partir das atividades circenses os idosos percebem que é possível assumir um papel de participantes ativos na sociedade. Da mesma forma que o espectador se transforma em artista quando participa da construção de um espetáculo, o idoso transpõe de uma posição passiva frente à realidade para uma posição de construção ativa de seus próprios valores e significados.

MEANINGS OF CIRCUS AND CIRCENSE ACTIVITIES FOR ELDERLY FROM UATI

abstract

Circuses are a practice that has been part of the daily life of the oldest societies on earth and has assumed the most various roles over time. Currently, circuses present new settings which are integrated with techniques of theater, dance, visual arts, and technological resources that build also other purposes and meanings. It is possible, then, to offer spaces for experimentation contextualized with the circus theme which do not necessarily involves the techniques of each modality, but the concepts of creativity and subversion of body and movement patterns. From these concepts emerged at UNICENTRO in Irati, the extension project "*O Circo em Contextos*", settled in the Physical Education Department. The project aims at providing different bodily experiences allowing free expression of movement, thinking and body expression. Based on this, the aim of this study is to understand the meanings elderly hold about circus considering its different manifestations: the circus show and the circus activities. The participants of the study were elderly who attended at least two workshops on circus activities offered in the "Universidade Aberta à Terceira Idade" and who were also present in the discussion meetings; it was emphasized that the participation in the workshop was a free choice. Regardless of the meaning, the circus has always assumed the role of fun, as found in the elderly's speeches; on the other hand, the circus activities were identified as spaces for movement and socialization. The elderly did not overlook the fun, however they realized the possibility for experimentation and creation, in the sense that the elderly went from a spectator position (circus show) to a participant position that allows the movement experiences (circus activities). It is believed that from the circus activities the elderly perceived that it is also possible to assume their

role as an active participant in society, deconstructing the image of a useless, fragile and victimized subject waiting for death to come.

keywords:

Elderly. Circus Activities. Meanings. Experimentation.

referências

- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARVALHO, Gustavo Arruda. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. *Corpococonsciência*, Santo André, n. 12, p. 39-69, jul./dez. 2003.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia; PRODÓCIMO, Elaine. *Jogando com o circo*. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.
- DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. *Estudos Feministas*. Florianópolis, n. 5, p. 120-128, 1º sem. 1997.
- GÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. *Motriz*: revista de educação física, Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 158-164, jul./set. 2007.
- GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 67-79.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.
- IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. Impacto na qualidade de vida e no estado depressivo de idosos participantes de uma universidade da terceira idade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. Campinas, v. 25, n. 4, p. 517-525, out./dez. 2008.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 209-221.
- OLIVEIRA, Raphaella Boselli. *Atividades Circenses em Academias: Uma nova opção no Âmbito do Lazer*. 2008. 69f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2008.
- SILVA, Ana Márcia. Corpo e Diversidade Cultural. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.
- SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES, José Carlos Jr. Pesquisa qualitativa em educação física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 48, p. 37-60, dez. 2008.
- SILVA, Erminia. *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*. São Paulo: Altana, 2007.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Corpo, comunicações e cultura: a dança contemporânea em cena*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Dança contemporânea: objeto de estudo da comunicação. *Logos*, ano 10, n. 18, p. 32-47, 1º sem. 2003.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes Europeias e Brasil*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

TORRES, Antônio. *O Circo no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1998.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*. Campinas, ano 19, n. 48, p. 89-108, ago. 1999.

VENDRUSCULO, Rosecler; SOUZA, Doralice Lange de; CAVIHIOLLI, Fernando Renato; CASTRO, Suélen Barbosa Eiras de. Programas de atividade física para idosos: apontamentos teórico-metodológicos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2011.

VERAS, Renato Peixoto; CALDAS, Célia Pereira. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004.

VIANNA, Klaus. *A Dança*. São Paulo: Siciliano, 1990.

Recebido: 17/01/2012
1ª Revisão: 18/05/2012
2ª Revisão: 08/10/2012
Aceite final: 02/12/2012